

GALILEU

GALILEU.G

P. 07 | MACONHA: PLANET HEMP
PAUTA DISCUSSÃO NO STF

P. 62 | SEU CORPO POSSUI TRAÇOS
DE BOMBA ATÔMICA

P. 28 | A QUÍMICA DO WHEY,
QUE FAZ PÓ VIRAR MÚSCULO

DOSSIÊ
DOENÇAS
DA MÓDA



DAS PESSOAS RECLAMARÃO
DE REFLUXO NA VIDA ADULTA

R\$14,00
EDIÇÃO
295

CARGA TRIBUTÁRIA FEDERAL APROX. 4,65%

FURO CIENTÍFICO: O NOBRE PAPEL DO ÂNUS NA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES P. 74

FEV. 16

O BANDIDO ESTÁ MORTO E AGORA?

Todos os dias uma pessoa — quase sempre negra e pobre — é linchada no Brasil. Entenda por que “fazer justiça com as próprias mãos” só torna o país ainda mais violento

P. 38



JOÃO ROUBOU UMA BOLSA. ALGUÉM GRITOU "PEGA LADRÃO".



PESSOAS QUE OUVIRAM O GRITO FAZEM JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS.



SÉRGIO ESTAVA ENTRE OS AGRESSORES DE JOÃO. AO ESPANCÁ-LO, ELE COMETEU UM CRIME.



AGORA QUE TAMBÉM É CRIMINOSO, SÉRGIO DEVE TER O MESMO FIM DE JOÃO?

BANDIDO

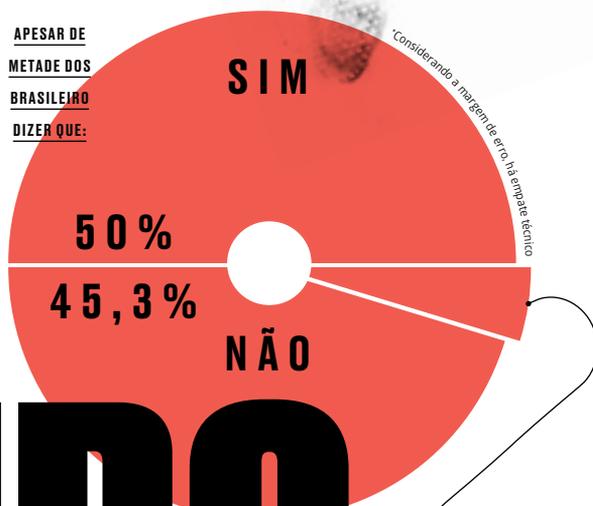
DESIGN FERNANDA DIDINI

TEXTO NATHAN FERNANDES

BOM

FOTO JULIA RODRIGUES

APESAR DE
METADE DOS
BRASILEIRO
DIZER QUE:



NÃO É

BANDIDO

PRODUÇÃO CINTIA SANCHEZ

MORTO

MAQUIAGEM DE EFEITO KAPEL FURMAN



FOI EM UMA SEXTA-FEIRA QUALQUER que a professora Rosângela da Silva, 29 anos, deixou a morte entrar em casa. Armado com um facão e um desejo sexual intenso, o trabalhador rural Edvaldo dos Santos, 19 anos, batia à sua porta. Por ser um antigo aluno da escola em que lecionava, no Sertão de Canudos, na Bahia, Rosângela resolveu abrir. Visitas assim eram normais em um lugar no qual os educadores muitas vezes fazem o papel de pai e mãe. Ao entrar, dispensando a educação que aprendera, o jovem propôs ir para a cama com a professora — sem nem se importar com a avó cega de Rosângela, que também estava no local. Tendo sua masculinidade ferida com um não, Edvaldo quis feri-la de volta. A avó tentou evitar o pior, mas acabou machucada e presenciou um espetáculo de horrores: a professora pulou a janela, foi pega, esfaqueada, teve o rosto cortado e morreu. O próprio agressor foi atrás da polícia e ajudou o sargento “a procurar o assassino”. Percebendo a incoerência na história, o oficial deu voz de prisão a Edvaldo, que acabou confessando o crime. Com receio de que o rapaz fosse linchado, o sargento levou-o para uma guarnição da Polícia Militar em outro município, Euclides da Cunha, onde ele supostamente estaria a salvo. Não foi o suficiente: quando tomaram conhecimento do crime, os moradores dos povoados próximos vieram de caminhão para se assegurar de que a justiça seria feita. “Para eles, a morte da professora na tentativa de estupro transformara Edvaldo em um desconhecido, um estranho, um diferente, outro ser”, escreveu o sociólogo José de Souza Martins, da Universidade de São Paulo, no livro *Linchamentos: A Justiça Popular no Brasil* (Editora Contexto). Edvaldo já não era mais humano.

Você pode descobrir o que aconteceu com Edvaldo lendo direto o último parágrafo desta reportagem. Mas, para tentar compreender por que pessoas comuns e supostamente bem-intencio-

nadas, como os moradores do Sertão dos Canudos, acabam cometendo crimes ainda mais bárbaros do que aqueles praticados pelos criminosos que desejavam punir, sugerimos que você leia a matéria até o final.

Casos como o do adolescente amarrado nu a um poste por cometer furtos no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, revelam muito mais do que as partes íntimas do agredido. Mostram também a complexidade da crise de confiança no Estado, a perda da legitimidade das instituições, a deterioração da ordem social e a persistência de uma cultura escravocrata que não foi abolida com uma canetada em 1888.

Nem sempre é preciso chegar ao extremo de amarrar outro ser humano a um poste. Em dezembro, durante uma manifestação pró-impeachment também no Rio de Janeiro, uma criança acusada de furto quase foi espancada. Um dos adultos envolvidos na agressão gritava: “E o guarda quer me levar preso”. Outra mulher concordava: “Isso é inversão de valores”. Recebendo bofetadas por todos os lados e sob o coro de “tem que metralhar” e “filho da puta, vai roubar da tua mãe”, o garoto entrou rapidamente no camburão e sumiu do olhar da orda enfurecida. Mas o problema não desapareceu.

Ao agredir e metralhar ideologicamente supostos criminosos, as vítimas se igualam aos bandidos no crime. “Dizem que todos nós nascemos heróis. Mas, se você deixar, a vida irá fazê-lo passar do limite até que se torne um vilão. O problema é que nem sempre você sabe que passou do limite”, explica a (anti) heroína Jessica Jones, protagonista da série homônima da Netflix, ainda atormentada por um assassinato que acabara de cometer.

A palavra faz referência ao fazendeiro americano WILLIAM LYNN, que difundiu a prática do justicamento durante a Guerra da Independência dos EUA, no século 18.

Quem concorda com a frase BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO?

54%

entre os moradores da região sul do país;

53,5%

entre os brancos;

52,1%

entre os homens*

Caso #1

NOME NÃO REVELADO
15 ANOS
RIO DE JANEIRO (RJ)
ACONTECEU EM
31/01/2014

Um adolescente foi amarrado nu a um poste, no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro. De acordo com ele, quinze homens desceram de motocicletas, um deles armado, agrediram-no e o prenderam a um poste com uma tranca de bicicleta. Eles o teriam acusado de roubo. O garoto, que já havia sido detido por furto, foi encaminhado a um hospital, mas fugiu da instituição. Nos dias seguintes ao caso, a polícia prendeu 14 homens suspeitos de agredir moradores de rua no Aterro do Flamengo. Um dos detidos disse aos policiais que uma comunidade no Facebook convocava os moradores da região a fazer “patrulhamento”. O caso foi um dos principais responsáveis por levantar a discussão sobre a ação de justiceiros.

Cidadãos que buscam justiça por meios que não sejam os legais obviamente ultrapassam esse limite. Mas há a sensação de que, por ser feito às claras e em grupo, o linchamento não é crime. “[A ideia que se tem é de que] crime é o que se faz escondido, às ocultas, e traiçoeiramente. Por isso, o linchamento é público, à vista e com a cumplicidade, voluntária ou não, de todos. É o que inviabiliza a apuração de responsabilidade e o prosseguimento de inquéritos”, diz Martins, que

FABIANE MARIA DE JESUS
33 ANOS
GUARUJÁ (SP)
ACONTECEU EM
05/05/2014

A vítima foi agredida por moradores que afirmavam que ela sequestrava crianças para realizar rituais de magia negra. Fabiane foi agredida com pontapés e pauladas, além de ter sido arrastada pelas ruas. Ela não resistiu aos ferimentos e morreu. Os boatos de bruxaria foram espalhados em uma página do Facebook, que divulgou um retrato falado de uma mulher que, de acordo com um dos agressores, era parecida com Fabiane. Depois, descobriu-se que o retrato falado havia sido feito pela Polícia Civil do Rio de Janeiro durante a investigação de um caso que ocorrera dois anos antes, a quilômetros do Guarujá. Um ano depois do crime, somente cinco suspeitos haviam sido presos.

para escrever seu livro passou mais de 20 anos fazendo um levantamento sobre a história desses atos no Brasil.

Nem as estatísticas policiais contabilizam esse tipo de crime — o que não significa que ele não seja ilegal. Quem explica é o presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP Martim de Almeida Sampaio: “Não é apenas um crime, podem ser vários, como formação de quadrilha ou bando (quando várias pessoas se unem para atos criminosos), lesões corporais,

tentativa de homicídio ou homicídio e até sequestro e cárcere privado, dependendo da ação concreta. O ato do linchamento é uma atitude tão criminosa quanto o crime que o incentivou.”

O ENCANTO ESTÁ AUSENTE

Segundo José de Souza Martins, cerca de um milhão de brasileiros já participaram de linchamentos ou tentativas de linchamento nos últimos 60 anos. Não surpreende, portanto, que de acordo com uma pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 50% da população brasileira concorde com a sentença “bandido bom é bandido morto”. “Considerando a margem de erro, temos um empate. Se está dividido, temos um espaço para mudança, basta encontrar alternativas”, explica o sociólogo Renato Sérgio de Lima, vice-presidente do Fórum. “Temos um país extremamente violento, que até gasta bastante com segurança, mas isso não quer dizer que esse gasto seja revertido em uma boa situação.”

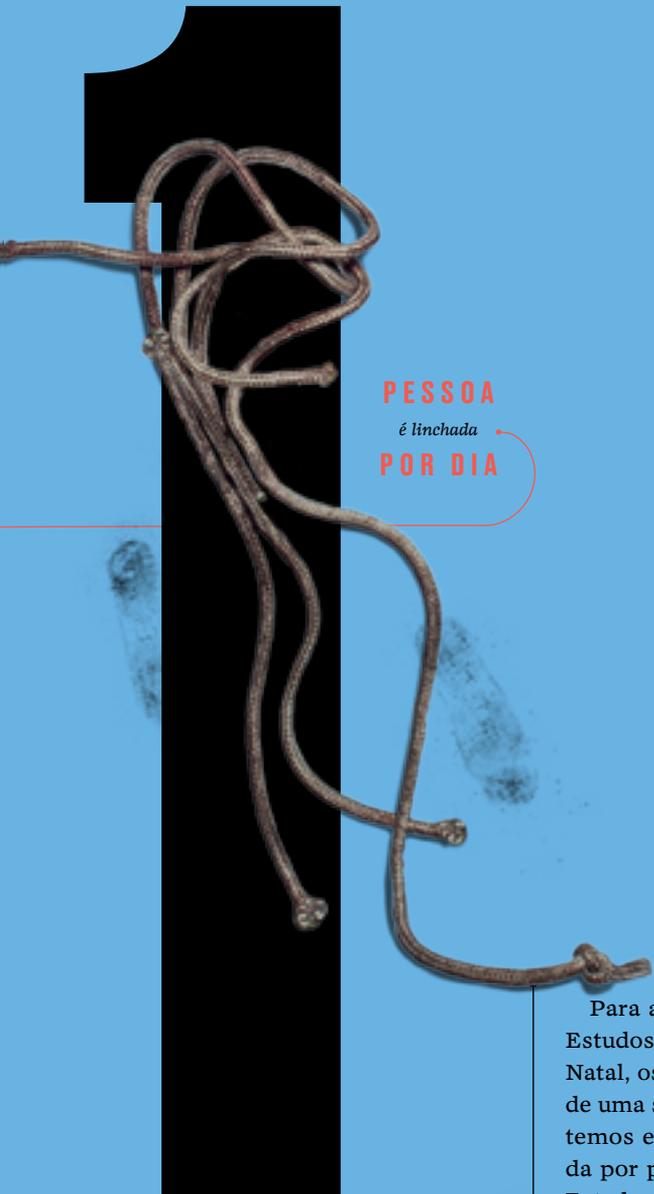
De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, houve um crescimento nos gastos com segurança no país entre 2013 e 2014. O problema é que não se sabe quanto disso foi utilizado de fato na infraestrutura e no treinamento de profissionais. A julgar pelo exemplo de Minas Gerais, não muito. Os mineiros foram os que mais investiram em segurança pública, com um aumento de 69% em relação ao ano anterior. Mas isso só aconteceu porque o estado incluiu na conta o gasto de R\$ 3 bilhões da previdência — o que nenhum outro estado fez. Ou seja, “os estados estão gastando cada vez mais com salários e aposentadorias de policiais. Sendo as-

sim, os investimentos nas condições de trabalho das organizações policiais, em termos de capacitação, armamentos, viaturas e equipamentos diversos, possivelmente não estão caminhando no mesmo sentido”, escreveu no anuário Luis Flávio Sapori, secretário municipal de segurança pública em Betim e professor da PUC Minas. Para Renato Sérgio, isso evidencia a insatisfação da população com a forma como o Estado administra os conflitos. “O Estado brasileiro, por meio de sua polícia, não convence a população”, afirma.

Mas não é necessariamente por causa da falta de infraestrutura que alguns infratores continuam soltos mesmo depois de cometer delitos recorrentes. O “princípio da insignificância” ou “bagatela”, por exemplo, prevê a liberdade para crimes que não causem lesão à sociedade, como pequenos furtos. Logo, há casos em que assaltantes são pegos, soltos e voltam a cometer crimes, gerando sensação de insegurança e impunidade — que, na verdade, é constitucional. Muitas vezes, no caso de menores de idade, policiais passam mais tempo na delegacia resolvendo medidas burocráticas do que o próprio infrator. Ou seja, a sensação de impunidade também existe dentro da própria corporação, que, não raro, sente-se estimulada a exercer uma autoridade que não tem e entende como legítima uma manifestação de justiça que de justa não tem nada. Nessa lógica, não surpreende que dois policiais militares recentemente tenham sido presos por matar um adolescente que cometia frequentes furtos no centro do Rio de Janeiro. Os PMs subiram até um morro, na floresta da Tijuca, com o jovem que acabou executado e outro que só sobreviveu para relatar o caso porque fingiu que estava morto. Tem-se aí a receita rápida para o caos e a crise de confiança nas instituições.

É verdade que o mesmo recurso que protege uma senhora que roubou um pão para almoçar também estimula a recorrência de pequenos furtos, mas, segundo Martim Sampaio, da OAB, não se

R\$ 71,2
BILHÕES
 foram gastos com
SEGURANÇA PÚBLICA
 em 2014, um aumento de
16,6%
 em relação a 2013



PESSOA

é linchada

POR DIA

caso #3

**NOME NÃO REVELADO
IDADE NÃO REVELADA
TERESINA (PI)
ACONTECEU EM
02/2014**

Um vídeo publicado na internet mostra um jovem sendo colocado em um formigueiro com as mãos e os pés atados. Os agressores dizem que ele teria praticado roubo. A Secretaria de Segurança Pública do Piauí não conseguiu identificar a vítima ou os agressores.

pode culpar a Constituição. “Individualmente, o número de pequenos assaltantes tem aumentado, mas é preciso entender esse fenômeno”, explica. “Todas as medidas que o governo toma são no sentido de criminalizar o jovem. Se ele quer melhores condições de estudo, o governo chama a polícia e resolve com surra e bomba; se não aceita pagar mais pelo transporte público, não pode protestar que é levado a uma ratoeira e massacrado. Não oferecem alternativa. O que precisamos é de uma política pública inclusiva, de educação e renda. São coisas que falamos há mais de cem anos e não fizemos até hoje”.

Para a pesquisadora do Núcleo de Estudos de Violência da USP Ariadne Natal, os linchamentos são o produto de uma soma perigosa. “Por um lado, temos essa percepção, compartilhada por parte da população, de que o Estado não é capaz cumprir suas funções e de garantir a lei e a ordem; por outro, predomina um discurso que deslegitima os direitos humanos e os valores civis básicos, como o direito à vida e à dignidade daqueles que são suspeitos de cometer crimes. Essa é uma combinação que estimula as soluções violentas”, afirma ela.

“O pessoal não está mais botando muita fé [nas autoridades], por isso acontecem essas coisas. O Estado está muito ausente”, disse ao portal G1 o porteiro Jailson Alves das Neves, marido de Fabiane Maria de Jesus, morta a pauladas, pedaços de concreto e bicicletas, em 2014. Ela era acusada de sequestrar crianças, arrancando os olhos e o coração, para realizar rituais de magia negra no Guarujá, litoral de São Paulo — o boato surgiu em uma página de Facebook e ganhou corpo nas

ruas. Nenhuma criança havia desaparecido na região. Fabiane era inocente. E esse é apenas um dos motivos pelos quais Martim Sampaio afirma: “A justiça popular é a pior solução para o problema da violência urbana”.

DESEJO & REPARAÇÃO

Como Edvaldo dos Santos, que tentou estuprar sua antiga professora no sertão baiano, pessoas prestes a ser linchadas são vistas como animais. Segundo José de Souza Martins, “os linchadores atuam sempre em nome de uma identidade de pertencimento contra o estranho, ainda que provisória e súbita”. Por não fazerem parte do grupo, o estupro, o assaltante e a bruxa merecem morrer. Assim, na visão do filósofo René Girard, a pessoa linchada seria uma espécie de bode expiatório. Para identificá-lo, bastaria perceber quatro elementos: a existência de uma crise cultural e social; uma conduta capaz de deixar a comunidade unida e homogênea, como um caso de roubo; que esse comportamento seja atribuído a alguém com características diferenciadoras; e a canalização da agressividade do grupo contra esse alguém.

Nesse sentido, José de Souza Martins afirma que a hipótese mais provável para os linchamentos seria a punição, “mas sobretudo como forma de mostrar seu desacordo com alternativas de mudança social que violam concepções, valores e normas de condu-

caso #4

**ALAILTON FERREIRA
17 ANOS
SERRA (ES)
ACONTECEU EM
04/2014**

O jovem foi morto com paus e pedras por moradores da cidade, que o acusaram de ter estuprado uma mulher. De acordo com a Polícia Civil, não havia nenhuma denúncia registrada. O assassinato está sendo investigado pela Delegacia de Crimes Contra a Vida há quase dois anos.

caso #5

**JEFERSON RAMALHO
DE SOUZA
18 ANOS
MACEIÓ (AL)
ACONTECEU EM
25/03/2014**

Jeferson foi acusado de estuprar e assassinar uma jovem. O corpo dela estava a poucos metros de onde ele foi linchado e morto por moradores. A Polícia Civil não conseguiu fazer conexão entre o homem e a jovem assassinada.

—, trata-se de um processo profundo, que tem relação estreita com a condição social. “Você tem uma sociedade de mercado aguçada, que vai ganhando corpo. A parte da população que está fora do mercado, esses supérfluos, passam a ser vistos como uma ameaça”, explica o deputado. “E o limite entre o supérfluo e o criminoso é muito tênue. Não precisa cometer um crime para ser uma ameaça. Se você não circula nos shoppings e não é um cidadão consumidor, não tem direitos, vira uma ameaça.” (Veja a entrevista completa na página 48.)

Por isso, seria inocente afirmar que o linchamento decorre apenas do desejo de pena de morte. “Nos linchamentos, está envolvido o julgamento de quem não consegue refrear o desejo, o ódio e a ambição, e não vê limites para o desejar, o odiar e o ter, não pode conviver com os demais nem tem direito a uma punição retributiva que o devolva à sociedade depois de algum tempo de castigo”, diz Martins.

Não à toa crimes de roubo ou furto geralmente são tidos como uma afronta pessoal. Delitos que deveriam ser tratados como crime contra a propriedade se tornam uma ofensa à pessoa e a sua forma de sobrevivência.

ta tradicionais”. O linchamento não seria, portanto, uma manifestação de desordem, mas um questionamento da desordem.

Segundo o deputado Marcelo Freixo (PSOL-RJ), presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro — que teve ele mesmo um irmão assassinado

Nessa lógica, enquadra-se um exemplo dado pelo sociólogo da tentativa de linchamento de um rapaz de uma favela do Espírito Santo que encontrou uma maleta com dinheiro de um sequestro e devolveu à polícia. Os membros da comunidade queriam que ele dividisse o valor entre os pobres, já que se tratava de um dinheiro perdido, sem dono, que não fazia falta e que não era necessário à sobrevivência de quem o perdera. De acordo com o sociólogo, para os trabalhadores, o dinheiro não é quantitativo, mas qualitativo: existe o dinheiro bom, fruto do suor, e o dinheiro ruim, de ganho fácil. “A honestidade de quem devolveu o montante fora interpretada como falta de solidariedade em relação a seus iguais”, explicou Martins.

JUSTICEIROS OU VINGADORES?

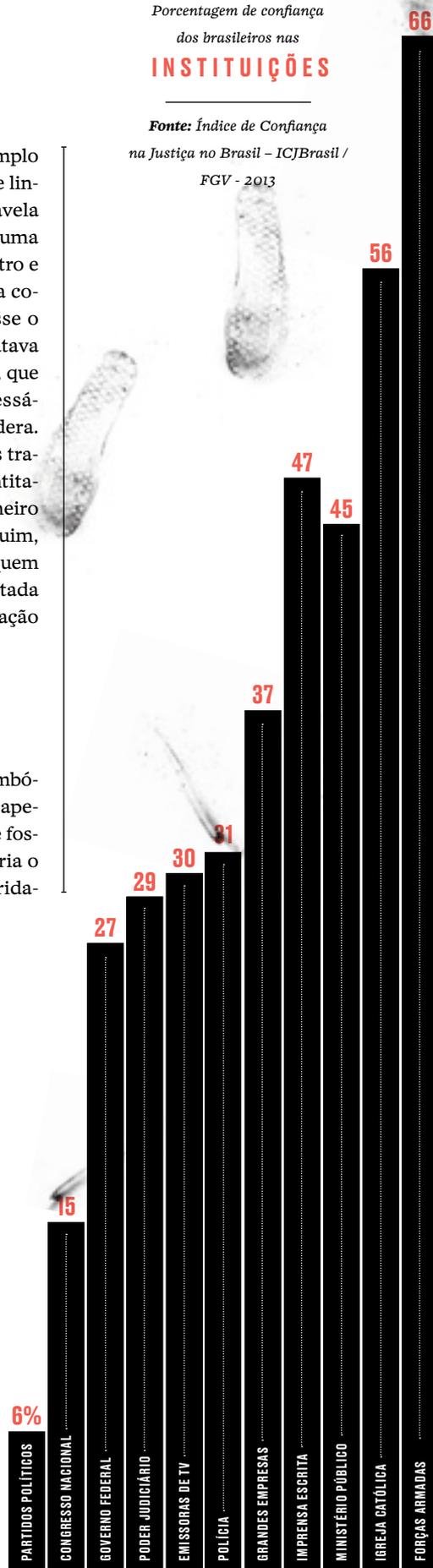
Não se pode esquecer do caráter simbólico do linchamento. Não se trata apenas de um assassinato coletivo — se fosse só isso, um simples tiro resolveria o problema. A ideia é negar a integridade do culpado, violar seu corpo e humilhá-lo em público. “Mais do que matar, o linchamento promove a perdição da vítima, seu extravio no caminho dos mortos, na mutilação que o aliena para sempre no grande momento da desalienação que é, nessa crença, o da ressurreição dos mortos”, diz Martins. Só isso explica o caso de uma senhora carioca que, com muito custo, foi tirada de cima da vizinha já morta enquanto tentava arrancar os olhos dela com uma colher.

E, claro, há também o preconceito — como ficou evidente no caso da estudante de arquitetura Mikhaïla Copello que, ao tentar impedir um lincha-

Porcentagem de confiança
dos brasileiros nas

INSTITUIÇÕES

Fonte: Índice de Confiança
na Justiça no Brasil – ICJBrasil /
FGV - 2013



mento, no Rio de Janeiro, colocou-se entre uma turma enraivecida e um assaltante já ensanguentado. “Tive sorte de ser uma mulher branca de classe média. Tenho certeza que, se fosse um cara negro, teria apanhado junto”, diz a estudante à GALILEU. “As pessoas não conseguem ver o racismo que está ali, o que elas estavam vendo era um assaltante, menos do que um ser humano, de acordo com algumas.” No seu livro, Martins afirma que, diferentemente dos séculos passados, em geral não se lincha mais apenas por causa da cor da pele. Mesmo assim, os dados de sua pesquisa mostram que a prontidão para linchar um negro é, quase sempre, maior do que para linchar um branco que tenha cometido o mesmo delito. A cor da pele pode não ser a principal motivação para o linchamento, mas no fim contribui para a decisão de linchar ou não.

A questão é que o linchamento é apenas mais uma manifestação de violência — e violência, você sabe, só gera mais violência. “O levantamento feito até agora indica com clareza que a ocorrência de um simples linchamento numa localidade rompe certos constrangimentos sociais à prática da

violência direta: em muitos lugares, um primeiro linchamento é, com facilidade, seguido de outros, ainda que com o passar do tempo”, pontua Martins.

Somando a recorrência com o clima de “limpeza social” representado pela máxima do “bandido bom é bandido morto”, tem-se

um cenário que justifica a posição do Brasil como o país sem guerra declarada no qual houve mais assassinatos em 2014. Para o deputado Marcelo Freixo, isso pode estimular o aparecimento de outros tipos de crimes. “Temos a experiência dos grupos de extermínio, que são formados por policiais pagos por comerciantes para eliminar assaltantes. E também as milícias, um projeto de máfia, que estão a um passo do crime organizado”, afirma o deputado.

Neste ano, quase **60.000 PESSOAS** foram assassinadas no Brasil*

A MAIOR FLOR DO MUNDO

Em 1996, dois jovens invadiram a casa da pedagoga Dagmar Rivieri Garroux, a Tia Dag, e mataram o pai dela a tiros. Na época, ela já coordenava a Casa do Zezinho, um espaço no Capão Redondo, na periferia de São Paulo, dedicado a estimular e a desenvolver o aprendizado de crianças carentes. Como se o destino estivesse esfregando a ironia da situação em sua cara, ela pensou em desistir do projeto e ficou um mês afastada. Até que recebeu a ligação de um de seus alunos: “Tia Dag, a senhora quer que a gente mande matar o menino que atirou no seu pai?”. A pedagoga viu nessa ameaça uma convocação e resolveu voltar. “Ele prometeu me esperar com a ‘maior flor do mundo’: um girassol. Então, eu voltei com tudo ao trabalho”, lembra ela. “Vingança e justiça são coisas diferentes.”

Para a pesquisadora Ariadne Natal, da USP, essa subversão da justiça é extremamente perigosa porque a força bruta faz prevalecer a injustiça, uma vez que o réu não tem possibilidade de defesa. “Apesar de muitas vezes ser apresentado como uma forma de justiça, o

que move o linchamento é um desejo de vingança, uma compulsão punitiva que é imediata e visa atingir o corpo daquele que é considerado criminoso para humilhar, fazer sofrer e, por fim, eliminar”, afirma ela.

Para o psicólogo americano Leon F. Seltzer, é fácil confundir justiça com vingança, mas elas jamais podem ser usadas como sinônimo. “Justiçeiros’ como estes não estão preocupados em resolver o problema, mas apenas em expurgar a sua raiva”, diz Selzer. Em um artigo que escreveu para a revis-

Nível de satisfação com a polícia: **67%** dos brancos; **62%** dos negros*

caso #7

CLEDENILSON PEREIRA DA SILVA
29 ANOS
SÃO LUÍS (MA)
ACONTECEU EM
06/07/2015

Cledenilson tentou roubar um bar, armado e acompanhado de um adolescente de 16 anos. Foi surpreendido por um frequentador do local, que o imobilizou e convocou as pessoas que estavam presentes a agredi-lo. Depois, foi amarrado despido a um poste e as agressões continuaram. Em algum momento, levou uma facada no coração e não resistiu ao ferimento, morrendo ainda no local. Os populares continuaram agredindo o homem, mesmo quando ele já estava inconsciente. À época, a polícia informou que investigaria o linchamento, mas não divulgou resultados do inquérito.

caso #6

RAFAEL ASSIS CHAVES
26 ANOS
ITAJAÍ (SC)
ACONTECEU EM
14/02/2014

Dois homens tentaram roubar um bar frequentado por caminhoneiros na cidade catarinense. Um deles não conseguiu fugir e foi agredido por cerca de cinquenta clientes do bar. Depois, ficou amarrado a um poste por 20 minutos, até a polícia chegar. Ninguém foi preso, a não ser o agredido.

**“O DESRESPEITO
AOS DIREITOS
HUMANOS
ELIMINA O PAPEL
DO ESTADO. QUEM
MAIS SOFRE É A
DEMOCRACIA.”**

JUSTIÇA

entrevista

MARCELO FREIXO
*Deputado Estadual (PSOL-RJ)
e Presidente da Comissão de
Defesa dos Direitos Humanos
e Cidadania da Alerj*

**A que o senhor acha
que se deve essa
mentalidade de justiça
popular no Brasil?**

O Brasil tem uma herança escravocrata, a cultura do tronco, a lógica da segurança pública calçada no inimigo interno. Quando o medo vira parte da economia da segurança privada, ele é um elemento que alimenta a intolerância e esse fator histórico tem peso, porque as pessoas confundem justiça com vingança. Tem a ver com a sociedade individualista, uma crise de

representatividade. É um processo profundo e você tem uma sociedade de mercado aguçada que vai ganhando corpo. O mercado está tenso, ele é personificado e a parte da população que está fora dele, esses supérfluos, passam a ser vistos como uma ameaça. E o limite entre o supérfluo e o criminoso é muito tênue. Não precisa cometer um crime para ser uma ameaça. Se você não circula nos espaços do shopping, não é cidadão consumidor, não tem direito e vira uma ameaça.

Quando se fala em “bandido bom”, não tem nada a ver com crime. Tem vários casos de pessoas que são confundidas

com criminosos e são agredidas. Temos o relato de um rapaz correndo com um celular na mão atrasado e alguém no bar gritou: “Pega ladrão”. Ele foi espancado. E claro que era um negro.

O sociólogo José de Sousa Martins afirma que quanto mais incisivo o discurso dos direitos humanos, mais violenta é a resposta. Qual seria a melhor forma de lidar com isso?

A cultura dos direitos humanos é contraposta à justiça dos linchamentos. Inclusive, é pior dentro das corporações. Dentro das polícias, você não comporta os direitos humanos. É como se os direitos humanos fosse uma ONG, não um

elemento civilizatório contra a barbárie, uma garantia mínima de civilidade. Quando não respeitamos isso, estamos no limite da barbárie pública.

E quais seriam as consequências desse desrespeito aos direitos humanos?

Além da violência física, esse desrespeito elimina o papel do Estado. Quem mais sofre é a democracia. É o auge da crise da representatividade — até a segurança pública você resolve de forma privada. Nós temos duas consequências diferentes: uma é a do grupo de extermínio, policiais pagos por comerciantes; outra é a da milícia, que não é uma ação subordinada

ao interesse de um setor, é um projeto de máfia, um passo para o crime organizado. Uma sociedade que concede à polícia a decisão da morte de alguém também dá a ela a possibilidade de um poder que nenhum de nós deve ter.

O que a pessoa pode fazer para lidar com um caso de crime?

Eu tive meu irmão assassinado, mas nem por isso confundo justiça com vingança. Nunca, como deputado, cobre para o caso fosse tratado de forma diferente. Isso não pode ser justificativa para o caos. Na visão do justiceiro que acredita na ideia do olho por olho, dente por dente, todo mundo sai cego e banguela.



em vez de buscar
justiça com as próprias
mãos, participe do
**CONSELHO
COMUNITÁRIO
DE SEGURANÇA**
da sua região

caso #8

ANDRÉ LUIZ RIBEIRO
27 ANOS
SÃO PAULO (SP)
ACONTECEU EM
30/06/2014

O professor de História foi confundido com um ladrão após passar na frente de um bar que havia acabado de ser assaltado. De acordo com ele, algumas pessoas o seguiram e o amarraram. Foi agredido pelo dono do bar e por alguns outros homens, que não o deixaram argumentar. Oficiais do Corpo de Bombeiros interviram no linchamento e, para provar que era professor de História, André precisou “dar uma aula” sobre a Revolução Francesa. Na delegacia, o dono do bar manteve a versão de que André era o ladrão, mesmo tendo sido provado que não era.

ta *Psychology Today*, ele diz: “Basicamente, podemos afirmar que a justiça é justa, já a vingança não”.

O problema é que, muitas vezes, os dois conceitos estão próximos demais para serem distinguidos, o que é especialmente problemático para uma sociedade com hipermetropia como a nossa. Em seu livro, Martins cita o caso de um morador de São Paulo que, depois de protagonizar vários delitos, foi submetido a um tribunal popular. Uma manhã, todas as pessoas que chegavam à padaria do bairro iam sendo convidadas a opinar sobre o que fariam com o infrator. Depois de decidirem,

buscaram-no em casa e o levaram até a padaria. “Ali mesmo ouviu a acusação, deram-lhe a palavra, perguntaram se queria que chamasse a família para dela se despedir, ofereceram-lhe um último cigarro, levaram-no para a rua e o mataram a pedradas e a pauladas.” Parece justiça, mas não é.

A vingança é guiada por emoções — nem sempre boas — e, na maior parte dos casos, expressa um desejo sanguinolento de causar sofrimento a outra pessoa. Segundo Seltzer, existe aí, de fato, o prazer em causar dor a alguém, algo completamente pessoal. Já a justiça é racional e impessoal. Não se trata de retaliação, e sim de corrigir algo que a sociedade julga como moralmente inaceitável. A vingança vive de ciclos e, segundo a concepção de Girard, só acaba quando encontra um bode expiatório que assuma toda a culpa. Às vezes, nem assim. Já a justiça busca restaurar um balanço. Quando ela é aplicada, o conflito acaba. Vingança é Tarantino com *Kill Bill*; justiça é Sidney Lumet com *12 Homens e uma Sentença*.

É interessante notar também o comportamento das multidões nesses casos. Segundo o psicólogo social Gustave Le Bon, em sua obra *Psicologia das Multidões* (WMF Martins Fontes), é como se, ao se unirem, as pessoas deixassem de lado a razão, as suas aptidões intelectuais e as suas personalidades para dar lugar à ignorância. A estudante Mikhaila Copello, que impediu o linchamento no Rio de Janeiro, viu isso de perto: “Nos olhos daquelas pessoas tinha um ódio nunca visto. Eles não paravam para pensar, era tipo ‘eu não sei o que esse cara fez, mas o que ele fez me afeta, é uma afronta a minha pessoa’. Foi muito assustador.”

Era o mesmo ódio que os moradores do Sertão de Canudos carregavam no caminhão que se dirigia à delegacia onde estava preso Edvaldo, o assassino da professora Rosângela. Os moradores arrombaram a porta, renderam os guardas e “fizeram justiça” ali mesmo. Depois de espancaram Edvaldo com pedaços de pau, facas, facões e revólveres, levaram-no para o caminhão. Ali, ele teve partes do rosto e os testículos arrancados, como que para privá-lo da identidade e da masculinidade. Enquanto ainda estava vivo, outros pedaços de seu corpo iam sendo decepados. À medida que era esquartejado, Edvaldo ia deixando de existir. Já quase desfeito, os moradores o jogaram no local do crime e atearam fogo em seus restos com gasolina. A professora continuou morta. A cidade continuou triste. Isso tudo aconteceu em 1996. Mas poderia ter sido hoje. Pode ser amanhã. ■ ■ ■

caso #9

NEWTON COSTA SILVA
IDADE NÃO REVELADA
RIO DE JANEIRO (RJ)
ACONTECEU EM
20/07/2015

De acordo com a Polícia Civil do Rio de Janeiro, o homem teria dado facadas em uma mulher e nos filhos dela, entre eles um bebê de um ano e dez meses. Ainda segundo informações oficiais, ele foi amarrado com fios pelos vizinhos e espancado até a morte, inclusive com vergalhões. Nenhum linchador foi identificado.